



MEMÓRIA E DIÁSPORA NA OBRA *CRÓNICA DE UMA TRAVESSIA*, DE LUÍS CARDOSO

Emanuela Moura Corrêa¹

Marinete Luzia Francisca de Souza²

RESUMO

O estudo das literaturas de países recém-independentes vem se consolidando nas pesquisas científicas, por tornar públicos escritores que pertencem ao ambiente cultural e literário das nações em processo de descoloniza, entre as quais se encontra Timor-Leste. Possuindo uma escritura que aloca na ficção travessias, guerras, relações sociais e culturais como representantes da sua identidade, memória e diáspora. Luís Cardoso é um dos maiores representantes da literatura timorense, pois através de suas obras há uma retomada e valorização do processo cultural, social e literário daquele país. O objetivo geral desse artigo é desenvolver uma análise crítica da obra *Crónica de Uma Travessia*, de Luís Cardoso, a partir da noção de memória e diáspora, tendo como pano de fundo parte da historicidade do país. Para os objetivos específicos, a ênfase foi dada em aspectos estruturais, com destaque para o narrador dispórico cardosiano e sua constituição para a narrativa contemporânea. O marco teórico esteve baseado nas contribuições de Brah (2001), Walter (2009) Pereira (2006), Mata (2011), Dalcastagnè (2012) e Barbosa (2013).

PALAVRAS-CHAVE: Memória, Diáspora, Luís Cardoso.

DIASPORA IN *CRONICA DE UMA TRAVESSIA*, BY LUÍS CARDOSO

Abstract

The study of the literatures of newly independent countries has been consolidating in scientific researches, for disclosure the writers that belong for culture and literature of the

¹ Graduada em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba. Foi bolsista de Iniciação Científica do Projeto de Literaturas de Língua Portuguesa: interculturalidade e descolonização, coordenado pela prof.^a Dr.^a Marinete Luzia Francisca de Souza, então bolsista do Programa Nacional de Pós-doutorado, da CAPES/UEPB/PPGLI.

² Docente do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso e do Curso de Letras, do Campus Universitário do Araguaia, doutora em Letras.

colonized nations, like Timor-Leste. Possessing a writing that allocates in the fiction, crossings, wars, social and cultural relations as representative of its identity, memory and resistance. For the specific purposes, the emphasis was given on the more structural aspect, which pointed out the narrator and his manner of constitution in the contemporary narrative. The theoretical framework was based on the contributions of Brah (2001), Walter (2009) Pereira (2006), Mata (2011), Dalcastagnè Barbosa (2013).

KEYWORDS: Memory, diaspora, Luís Cardoso.

MEMORIA Y DIÁSPORA EN LA OBRA CRÓNICA DE UNA TRAVESÍA, DE LUIS CARDOSO

RESUMEN

El estudio de las literaturas de países recién independientes viene consolidándose en las investigaciones científicas, por convertir público escritores que pertenecen al ambiente cultural y literario de naciones en proceso de descolonización, entre las cuales se encuentran Timor-Leste. Poseyendo una escritura que pone en la ficción travesías, guerras, relaciones sociales y culturales como representantes de su identidad, memoria y diáspora. Luís Cardoso es uno de los mayores representantes de la literatura timorense, pues a través de sus obras hay una reanudación y valoración del proceso cultural, social y literario de aquel país. El objetivo general de ese artículo es desarrollar un análisis crítico de la obra *Crónica de Uma Travessia*, de Luís Cardoso, a partir de la noción de memoria y diáspora, teniendo como perspectiva la historicidad del país. Para los objetivos específicos, el énfasis fue dado en aspectos estructurales, con destaque para el *narrador dispórico cardosiano* y su constitución para la narrativa contemporánea. El aporte teórico tuvo como base las contribuciones de Brah (2001), Walter (2009) Pereira (2006), Mata (2011), Dalcastagnè (2012) y Barbosa (2013).

PALABRAS-CLAVE: Memoria, Diáspora, Luís Cardoso.

Luís Cardoso, as travessias e a narrativa diaspórica de Timor Lorosa'e

Luís Cardoso emerge como um dos principais representantes da literatura em ³Língua Portuguesa leste-timorense, tendo publicado os romances *Crónica de uma travessia* (1997), *Olhos de Coruja Olhos de Gato Bravo* (2002), *A Última morte do Coronel Santiago* (2003) e *Requiem Para o navegador Solitário* (2007). Neles, os aspectos que demarcam lutas,

travessias, guerras, dilemas femininos e a cultura timorense, numa relação intercultural, são fortemente construídos e representados.

Além dele, outros poetas e romancistas se ocupam da criação do universo ficcional, histórico, cultural e identitário de Timor Lorosa'e. Destacaram-se Fernando Sylvan e Xanana Gusmão, João Aparício.

É importante registrar a além da proeminente, mas pouco conhecida, literatura oral leste-timorense.

A literatura leste-timorense configura-se como um campo heterogêneo, tanto pela diversidade cultural quanto pela fusão entre história, memória e resistência. Diante dos resquícios do imperialismo, os escritos literários sobre Timor-Leste registram, representam e recriam, através da ficção, o que foi vivenciado, constituindo-se como espaço de visibilidade e retomada da memória identitária da nação.

Este estudo sobre *Crônica de uma travessia* (1997) objetiva fortalecer o conhecimento do autor leste-timorense e dessa narrativa considerada por Moutinho "...um romance luminoso, em que a história contemporânea de Timor-Leste se transforma e resplandece no transbordante prazer de contar histórias" (MOUTINHO, *apud* CARDOSO, 2013).

Luís Cardoso de Noronha nasceu em Cailaco, região próxima à fronteira com o Timor ocidental. Em formação familiar, a língua mais significativa foi o *Tétum-praça*, contudo teve contato com outros idiomas diante da variedade linguística existente em seu país. Sua formação se deu primeiramente nos liceus missionários de Soibada e Fuiloro, no seminário de Dare, em Timor Leste, e depois, em Lisboa. Cardoso caracteriza e representa um espaço marcado pela interculturalidade e complexidade.

Na obra *Crônica de uma Travessia* (1997), os fatos vivenciados caracterizam a época de recuperação do tempo colonial pelos conflitos de independência, em Timor-Leste, e pela Revolução dos Cravos, em Portugal, como também demarca o período de invasão do país *maubere* pela Indonésia. A obra cujo gênero o romance discute, além de questões de

identidade, a memória e resistência do povo timorense, a alteridade, no sentido antropológico de observar a relação entre povos e culturas diferentes.

No romance em estudo, a presença do pai marca um tempo ligado à memória, que coincide com a infância do narrador, decorrida no período colonial português, e esse período provoca o encantamento no adolescente refugiado em Portugal, quando da invasão indonésia. Esse encantamento surgiu, quando ainda estava em Timor, pois o narrador adulto recorda que sua educação seria entregue aos professores catequistas porque o pai assim o desejava.

Durante toda a diegese, a centralidade é dada ao pai, cabendo à mulher sua função unicamente familiar, voltada aos cuidados do filho e esposo, que se encontra no processo de transição geográfica e cultural.

A mãe é identificada, poucas vezes, na narrativa como “velha clara”, silenciamento esse que demarca a posição da mulher em uma sociedade marcada pelo totalitarismo masculino, passando por transformações políticas e sociais e na qual o patriarcado é fortemente enaltecido. A personagem feminina é destacada como protetora da cultura timorense, relatando a condição da mulher perante uma sociedade marcada pelo patriarcalismo. Beauvoir (1970, p. 15) assevera:

O homem que constituiu a mulher como um *Outro* encontrará, nela, profundas cumplicidades. Assim, a mulher não se reivindica como sujeito, porque sente o laço necessário que a prende ao homem sem reclamar a reciprocidade dele, e porque, muitas vezes, se compraz no seu papel de *Outro*.

Posteriormente, o pai do protagonista perde a memória em um acidente de avião e vai buscar tratamento na metrópole; assim, essa será resgatada a partir do contato com a pátria-mãe, dando lugar à cultura como *mãe*, momento esse em que a condição de autor-narrador diaspórico é posta em evidência e que, também, permite ao leitor o reconhecimento do gênero autobiografia romanceada.

Em vista do exposto, a narrativa é construída pelo trânsito entre o universo ficcional, os mitos e lendas, bem como pela reconstituição do passado.

Luís Cardoso trabalha, ao longo da narrativa, com o recurso da ironia, mas sempre buscando restituir o passado, entrelaçando-o com o presente, por meio do testemunho de seu narrador autobiográfico e diaspórico. Por isso, o estudo das literaturas consideradas emergentes possibilita e amplia o debate em torno do que é considerado central e em ascensão, em termos de pensamento e literaturas fronteiriças.

A memória em *Crônicas de Uma Travessia*

Ao analisarmos a literatura de Timor-Leste, identificamos a presença de sujeitos intensamente intrincados pela memória e isso ocorre de duas formas: pelas lembranças ressignificadas do sujeito e pelos fatos histórico-sociais daquele país.

Barbosa (2013, p. 50) afirma que a literatura timorense pode ser ordenada em categorias: a literatura que representa o período colonial e a que representa o período pós-colonial⁴, que contemplaria, para a autora, também, o da resistência. Note-se que o rigor historiográfico nos levaria a segmentar o período da resistência à indonésia, nomeando os textos produzidos naquele período como “literatura de resistência”.

Sob outra perspectiva, seria possível dividir a literatura do período colonial em “literatura colonial” e “literatura anti-colonial”, visto que a produção é atravessada por diferentes atores sociais.

Le Goff (1990, p. 423-424) considera que “[a] memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos, em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Em *Crônicas de uma Travessia* as remissões ao passado dão-se pelo viés autobiográfico e pelo histórico-social.

A respeito dos aspectos históricos, o Timor Leste foi um país de colonização plenamente portuguesa até os anos 70 do século XX, tornou-se, de modo sangrento, colônia

⁴ Hall (2003, p. 96) define o pós-colonial: “Como os outros ‘pós’ com os quais se alinha, o pós-colonial funde histórias, temporalidades e formações raciais distintas em uma mesma categoria universalizante”.

da Indonésia e assim permaneceu durante trinta anos do século passado. Considerado parte do Sudeste asiático, o país também está próximo da Austrália, podendo afirmar que se encontra entre dois continentes. As relações espaciais somadas à história devem ser consideradas na produção literária.

Além do mais, preponderantes são os aspectos linguísticos, o Tétum (divido em Tétum-praça e Tétum-Dili) é língua mais falada e juntamente com o Português são as línguas oficiais do país. Ainda são faladas e reconhecidas trinta e uma línguas em Timor.

Estudiosos como Serrano e Waldman (1997) afirmam que o Timor, na antiguidade, mantinha laços comerciais com diversas fontes: indianas, malaias, entre outros povos. Com as *Grandes Navegações*, países como Portugal e Holanda começaram a demonstrar interesse pela posse desse território. Contudo, mesmo sendo colônia de Portugal, o interior da ilha não foi fortemente explorado. No período conhecido como Revolução dos Cravos houve liberação de algumas colônias portuguesas da África. Assim, em 1975, o povo timorense se preparou para sua liberação, porém a Indonésia, com o apoio dos Estados Unidos, tomou seu território, ocorrendo-se, então, muitas mortes, repressão e o que podemos metaforizar como rios de sangue, sob a liderança do General Suharto.

No tocante à Segunda Guerra Mundial, a ilha ocupa posição estratégica e é invadida pelo Japão para ser usada como ponte dos ataques ocorridos. Apenas em 2002 a nação alcança estatuto reconhecido pelo mundo como independente.

A Indonésia se encontra geograficamente próxima a Timor-Leste e, por essa razão, encontrou maiores facilidades para invadir a ilha. Recorde-se que, ao adquirir sua independência, a Indonésia se destacou pelo expansionismo político, e tal postura era relevante para os países ocidentais envolvidos na guerra.

Após a retirada de Portugal de Timor, em 1975, a Indonésia invade o território timorense, impondo sua língua, o bahasa, como afirma Gunn: “É obvio que os 24 anos de ocupação indonésia construíram uma ruptura significativa nos 500 anos de História de contatos Europeus [...] através da linguagem especialmente em consequência do sistema

escolar indonésio” (GUNN, 2001, p. 22). Nessa nova conjuntura política, a questão da dominação refletiu nas diversas áreas sociais, atingindo principalmente a língua, a literatura; provocando mudanças nos parâmetros linguísticos e sociopolíticos e alterando assim, o conceito de Estado, ou seja, houve uma substituição da antiga administração por novos comandos e moldes sociopolíticos da Indonésia:

[...] a Indonésia entrou [em Timor] com todo o aparato da mídia de massa, incluindo apresentação de filmes, exposições, mídia de imprensa, rádio e televisão, sem mencionar a imposição de uma nova língua e de um novo conceito de Estado ao povo timorense. (GUNN, Idem, p. 50).

Dessa forma, podemos afirmar que, a rigor, as mudanças ocorridas no país ocupado (a exemplo do que se verifica em regimes totalitários como o norte-coreano e mesmo o nazi-fascismo, embora tenham criado uma capa externa de modernidade e bem-estar social, não se estenderam ao usufruto das classes mais humildes, que continuaram no mesmo regime de servidão e pobreza.

Durante os anos de ocupação indonésia (1975-1999), o país foi ocupado por forças bélico-militares e, sobretudo, nos últimos anos os militantes leste-timorezes fizeram frente às forças do de Surhato, o que conduziu à independência em 1999. Durante os anos de guerra, poucos habitantes tiveram acesso à cultura escrita e à escola.

Para fazermos a atualização das vivências da história acerca dos acontecimentos, fazemos uso da nossa memória, chamada de memória particular. Contudo, certamente, nos apoiamos também na memória grupal, coletiva, social.

Por ser assim, Halbwachs (*apud* FENTRESS; WICKHAM, 1992, p. 7) considera que a “memória se estrutura em identidades de grupo: recordamos a nossa infância como membros da família, o nosso bairro como membros de uma comunidade local [...]; que estas recordações são essencialmente memórias de grupo [...]”. Memórias coletivas e individuais estão, portanto, entrelaçadas.

Relacionado a esse contexto histórico, o romance *Crónica de uma Travessia* (1997), lançado em Portugal, é uma obra (e considerada autobiográfica), composta por onze capítulos

que narra, em primeira pessoa, a história de um timorense e seu pai, que vivem travessias internas e externas, nessa trajetória; aquele vai contando histórias de seu povo e costumes ali presentes, além de destacar, também, a educação efetuada pelos portugueses e o desgosto pessoal ao chegar em Portugal e não encontrar a metrópole tal como imaginara.

Ao abrir suas memórias, Luís Cardoso cria, como fazem outros narradores autobiográficos, identificação com o leitor. A autobiografia requer, conforme Philippe Lejeune (2008), o estabelecimento de um contrato de leitura entre narrador-escritor e leitor, visto que a vida do primeiro interessa ao segundo. No caso do romance em estudo, o que temos é um autor exilado, que participou da resistência maubere, tema que, à partida, interessa aos leitores contemporâneos. Todavia, identificamos em *Crônicas de uma travessia* a postura subjetiva, parcialidade, já que narra por via da memória, mas, ao mesmo tempo, atesta a necessidade de que o leitor conheça a história da Segunda Guerra Mundial e seu impacto em Timor-Leste, estabelecendo aquilo que Lejeune definiu como “pacto de leitura”.

Considerando as características do romance, é possível aproximá-lo da autobiografia, definida da seguinte forma: “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14).

A família do narrador percorre vários locais em Timor. Seu pai era descendente da família do *Liurai de Manufahi*. Viveu em Sami, depois trabalhou em Bobonaro e Cailaco, Laclubar e Ataúro, entre outros locais, enquanto sua mãe era de Fahininhan e, ao convidar o leitor a acompanhar os caminhos percorridos pela família, durante suas travessias, o narrador estabelece com esse contundentes pactos de leitura.

Em sua “autobiografia linguística”, o conto *Cáspita* (2002), Cardoso afirma: “se a terra de cada um fosse o lugar onde aprendeu a escrever as primeiras palavras a minha certamente seria a Ilha de Ataúro. (...)”. A afirmação é fechada por reticências, dando a entender sobre o modo como a língua nos constitui, ou seja, a nossa pátria não é a língua que falamos, mas o local onde aprendemos a língua materna, intertextualiza, ainda que às avessas,

com Fernando Pessoa, quando o modernista português afirma: “Minha Pátria é a língua Portuguesa”.

Lejeune também escreve que o engajamento do autor em contar sua história é um dos fatores que caracteriza a autobiografia. Em Luís Cardoso, temos um romance autobiografado, no qual o autor deseja narrar sua história, mas o faz sob a forma de crônica e romance. Essas crônicas são de sua vida, mas são, também, as das travessias pelas quais Timor-Lestes e os timorenses passaram: guerras, diásporas, exílios, invasões. Todas elas são mantidas na lembrança do narrador-protagonista, sem as quais o ato de narrar estaria invalidado.

Buscando compreender a relevância dos conceitos de memória na narrativa autobiográfica, a obra tem como abordagem central o deslocamento realizado pelos timorenses, fato esse que, ainda que seja narrado por um adulto, se reporta à infância, numa ação de recontar travessias através de recordações, como pode ser conferido no excerto:

Ele era o meu pai. Descendente de famílias Manufahi, uma terra cujo nome soava a terror e traição. Seguiu o caminho de tantos outros jovens da costa sul que, pacificados os ânimos e as hostilidades, obtida a rendição do *liurai* revoltoso e a redenção dos súbditos, fora estudar para o colégio de Saibada, fundado por religiosos no ano de 1898 com a intenção de formar professores catequistas para o desempenho de ações missionárias. (CARDOSO, 1997, p. 9).

Ao narrar acontecimentos familiares, o jovem relembra tanto fatos peculiares ao seu universo familiar como acontecimentos sobre Timor-Leste. Segundo Pereira (2006, p.2), a memória é construída no momento em que o personagem está em Timor-Leste e seu imaginário é projetado para a metrópole; já quando se encontra na metrópole, na busca por exílio, distante do seu laço afetivo, sua memória se volta à terra natal. De acordo com Tomaim (2013, p. 12) “As narrativas sobre o passado nascem de um projeto político e identitário de coletivos ou grupos sociais, ou seja, em torno das memórias que se constituem identidades” e nós já apontamos essa perspectiva dada por Halbwachs.

Retomamos Lejeune quando o autor alerta que “para que haja autobiografia (e, numa perspectiva mais geral, literatura íntima), é preciso que haja relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem” (LEJEUNE, 2008, p. 15).

A narrativa individual e íntima contada sob a forma de ficção é, também, a história a fuga de vários povos do Timor-Leste. Esse movimento causou a dispersão desses povos, mas, por outro lado, fortaleceu o domínio do território dos que sobreviveram e dos que se aliaram aos dominadores.

Ele contrapunha dizendo que duas guerras eram demais e duas mulheres um conforto a mais para um homem só. Os Japoneses haviam partido, faltando agora os Indonésios. Não sabia quando, mas continuava. Mas continuava *mate-bandera-hum* Por isso se sentia no direito legítimo e inalterável de reivindicar o regresso de Portugal para recuperar a memória da maternidade, e os Timorenses, do nascimento. (CARDOSO, 1997, p. 9).

Desse modo, o retorno à memória, no romance cardosiano, busca na relação com o leitor sua própria existência, nos dando a conhecer características pessoais das personagens, como também o seu universo social. Segundo Tomaim (2013, p. 12) “[...] não basta que seja apenas aceitável, que os episódios reunidos em uma determinada lógica sejam coerentes com a história contada, é necessário que faça sentido ao mundo do leitor/espectador”.

Outros movimentos existentes na narrativa são os transnacionais, como saída da elite timorense para estudar em Portugal nos anos de conflitos, mais precisamente durante a invasão Indonésia. Por outro lado, também há refugiados no interior do próprio país, ou seja, há histórias de vida tanto dos que saem quanto dos que ficam; a posição de quem conta estando na metrópole e/ou fora da metrópole consiste num jogo de memórias que alerta o leitor para uma dimensão humanitária da obra de Cardoso e sua complexidade sócio-estrutural, esse que se configura na construção de uma identidade timorense a partir do contato com o Outro. Para Pereira (2006, p. 3), a obra traz:

Temas como o plurilinguismo que consiste no território, os conflitos de fronteira interna e externa que integram o imaginário da resistência maubere, bem como o indivíduo que busca identificar-se em relação a si mesmo e à sua ascendência, para depois assimilar a noção de comunidade imaginada na qual está inserido.

A travessia passa a ser colocada em questão diante do autoritarismo do colonizador. Os escritores da diáspora⁵ têm a oportunidade de tornar conhecidos dilemas e sofrimentos enfrentados pelas classes sociais mais pobres: Sobre isso, afirma Barbosa (BARBOSA, 2013, p. 105): Parodiando Luís Cardoso, o tratamento dispensado às elites e aos menos privilegiados em Timor denunciava de forma gritante o poderio e a intolerância de um colonizador concomitantemente autoritário e displicente.

Ainda, com Barbosa (2013) ao narrar a sua infância, o protagonista relembra a colonização portuguesa, na qual vai denunciando o tratamento dado aos filhos portugueses dos timorenses, além de retratar o sistema colonial e a compra da benevolência do setor administrativo, como destaca em: “Embora já fosse o tempo da dominação indonésia, no início da infância é retratado à luz dos fatos históricos e também são tratados alguns fatos da vida do pai do menino, como relampejos de memória, a exemplo da invasão japonesa” (BARBOSA, 2013, p. 106).

Em alguns momentos, não há em *Crônica de uma travessia* memórias completas, mas rastros delas. Recorrendo a Gagnebin (2006, p. 44) compreendemos que o “rastro nos conduz à problemática, brevemente evocada, da memória”, ou melhor, que ele evoca uma presença que não existe mais.

Levando em consideração que a obra apresenta traços autobiográficos, como já dissemos, entendemos que, através deles, a memória histórica e cultural perpassa toda a narrativa, ou seja, pode ser concebida como reafirmação da identidade do povo timorense. Sobre essas questões que envolvem o fator de dominação, Mata (2011, p. 48) afirma: “É que não nos podemos esquecer que as práticas de dominação são tecidas e manifestam-se tanto nos interstícios das instituições do saber e outras e dos articulados teóricos quanto na vida quotidiana e social”. Nesse aspecto, as dominações ocorridas em Timor não só modificaram a dinâmica linguística como também a literatura, a vida social, cultural e econômica.

⁵ Para Hall (2003, p.32) “O conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “Outro” e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora”.

E tratando da literatura de Cardoso, a busca por identidade a partir da memória se dá dentro da diáspora, na qual o autor pode explicar de maneira plena os conflitos e culturas existentes em seu país. Desse modo, na obra, a descrição da pátria portuguesa idealizada em Timor e a realidade vista ao chegar ao território Português são opostas. O Portugal imaginado pelo narrador-menino não é o mesmo no qual viveu o narrador-jovem. Quando ele se depara com o contexto europeu, ressalta: “Dizia-se que no silêncio do palácio do administrador ele havia criado galos selvagens e acérrimos combatentes, afiando lâminas e ensaiando venenos mortais”. (CARSOSO, 1997, p. 33).

Para Barbosa (2013), a terra prometida tinha um ar mais de recolher do que acolher aqueles que precisavam de refúgio, diante da ocupação da Indonésia e da violência por ela proporcionada. Assim, o romance traz em seu interior a vivência no exílio, uma pátria que era tão conhecida como encantadora. A narrativa evidenciada no contexto da diáspora, pois o foco narrativo é do protagonista, recordando e vivenciando de modo fantástico suas lembranças. “Portanto, o olhar do narrador é um olhar de quem conhece o local em que nasceu, no entanto, um olhar distanciado de quem vive na diáspora” (BARBOSA, 2013, p. 107).

Em *Crônicas de uma travessia*, a memória refere-se não somente ao acontecido, mas também ao imaginado, de modo que memória e identidade estão relacionadas porque a memória refere-se ao passado, mas também à interação com o presente do sujeito. “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cujas buscas são uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (LE GOFF, 2003: 469)

Podemos considerar que as memórias são múltiplas e que, no romance cardosino, cumprem a função de deslegitimar a história. Ou melhor, no momento pós-colonial, as grandes narrativas cedem lugar à narrativas transversais, indicando a existência de simultaneidades e justaposições, conforme têm defendido os teóricos da decolonialidade.

As referências à memória ocorrem já no primeiro parágrafo, quando as marcas linguísticas usadas indicam que o narrador-protagonista se reporta ao passado recente e, ao mesmo tempo, ao passado remoto:

[...] era uma quinta-feria quente, aquele dia do mês de julho de 1990. Como fazia todas as manhãs, atravessei o rio de barco. Um costume adquirido para saborear um gosto antigo. Naquele dia, eu vestia roupa branca, sem mácula, sem suor, saído de banho de água fria quando ele me conduziu ao altar para receber a minha primeira comunhão.” (CARDOSO, 1997, p. 7).

Na passagem seguinte, o narrador usa da mesma estratégia narrativa para contar que sua mãe sonhara com a morte de seu pai, então hospitalizado em Lisboa, e acrescenta que ela evocara sua “descida definitiva ao monte Cabalaqui”, justapondo passado e presente num mesmo período. O mesmo ocorre quando conta que o pai tinha se perdido em Seixal (Portugal), já idoso, e vivendo na diáspora: “O pai já envelhecido busca por desaparecidos durante a guerra em vilas portuguesas, mas encontra apenas *malaes* (estrangeiros)”. Linguisticamente o tempo é marcado pelo uso do mais-que-perfeito, sedimentando experiências anteriores à diáspora do narrador-personagem e de sua família em Portugal. Essa diáspora-exílio é mais uma marca identitária do narrador.

Nesse ínterim, são narradas insurreições dos *liurais* e estratégias de dominação imperiais ou a presença dos japoneses e dos australianos durante a Segunda Guerra Mundial “quando os japoneses entraram em Timor, já andava a municar os comandos australianos” ou “finda a Guerra, ficou com cicatrizes que ostentava como uma medalha” ;“muitas histórias para contar”; “guardava religiosamente invólucos de cartuchos como troféus de guerra e pendurava-os no tecto da minha casa para afastar o mau-olhado...” e “era como se a Guerra tivesse continuado em minha casa e perdurado nas nossas cabeças..” (CARDOSO, 1997, p.11-12).

As memórias decoloniais do narrador-protagonista apresentam-se como que de várias raízes, é possível reconhecer recordações tanto da presença portuguesa como da japonesa ou da idonésia, contudo, considerando-se que o narrador autobiográfico de *Crônicas de uma*

travessia foi educado em escolas portuguesas, a colonização do imaginário ganha nuances ocidentais, como nos fragmentos: “Eu levantava os olhos para o tecto, procurando decifrar no emaranhado dos fios da teia de aranha o Norte do império” (p.50), ou “Foi no ano da minha quarta série que descobri o caminho do retorno dos descobrimentos. Macau a cidade do Santo nome de Deus. Goa. A Índia chorada. Moçambique, comprido como a Girafa do Parque de Gorongosa...(CARDOSO, 1997, p. 15).

É necessário salientar também que, no decorrer dos fatos históricos vivenciados, a narrativa traz a Revolta de Manufahi⁶ e a constituição partidária que aconteceu no país. Além desses acontecimentos e a questão da diáspora, outro aspecto muito importante é o resgate da memória cultural e memória coletiva:

A narrativa do autor, enquanto memória individual, e o relato do que ocorrera com seu pai em outros tempos, tratando de guerras e revoltas que relacionadas ao pai do narrador, que “perde a memória”, vão se enredando entre fatos e tradições da terra de origem evocando, assim, a memória coletiva de um povo. (BARBOSA, 2013, p. 107).

O autor constrói sua história em idioma Português, mas percebemos a presença de muitas palavras em tétum, além dos aspectos sociais, culturais e religiosos timorenses que são postos através das crenças e alguns costumes citados ao longo da obra. Assim, em *Crônica de uma travessia*, Cardoso ironiza o modo de vida dos Portugueses, a correria da metrópole em oposição a Díli, vista como cidade rural da infância do protagonista.

A obra, nesse sentido, nos propõe uma mudança na forma conceber a literatura e os estudos do pós-colonial, que Mata (2011, p. 45-46) considera:

Decorre desta reflexão a consideração de que porventura a mais importante mudança a assinalar é a atenção à análise das relações de poder, nas diversas

⁶ A Revolta de Manufahi se deu de forma armada através do conflito entre a administração portuguesa de Timor Português contra o Reino de Manufahi que, juntamente com reinos vizinhos, foram liderados pelo *liurai* D. Boaventura da Costa. A Revolta iniciou-se em 24 de Dezembro de 1911, devido às mortes do comandante do destacamento militar da região de Same (Cidade do interior de Timor), o tenente Luíz Álvares da Silva e do comandante de Faturbeliu (Região oposta a Same). Esse confronto se estabeleceu até Outubro de 1912.

áreas da atividade social caracterizada pela diferença: étnica, de raça, de classe, de gênero, de orientação sexual...

Nesse contexto, julgo que os destinadores das teorias pós-coloniais pretendem que elas funcionem, também, como instrumento de análise de relações de hegemonia e desvelamento da colonialidade do saber segundo uma estratégia de resistência a sistemas de conformação da tendência hierarquizante da diferença, como seja, por exemplo, o eurocentrismo.

Diante disso, a literatura contemporânea e pós-colonial tem a capacidade de interagir com outros campos de pesquisa, no contexto intercultural. Tal ocorre por meio de fontes históricas, filosóficas, antropológicas, estudo do pós-colonial, entre outros que, ingressadas no mundo da ficção, tornam o texto literário um campo heterogêneo.

O Narrador diaspórico

Em Cartografias de la diáspora. Identidades em cuestión (2011) a diáspora é definida por Brah como “dispersão de”. Já Walter recorda (2009) recorda a origem grega do vocábulo e seu significado “semear” e “disseminar”. Com a aumento das travessias entre povos as diásporas têm provocado mudanças nas paisagens mundiais e em suas cartografias “conotando de maneira mais abrangente (e talvez de forma menos concreta), um vaivém entre lugares, tempos, culturas e epistemes” (WALTER, 2009, p. 42).

Luís Cardoso, como pudemos conferir no tópico anterior, é um romancista pós-moderno que produz na diáspora. Nesse sentido, a discussão específica dessa pesquisa procurou mostrar como o narrador autobiográfico se apresenta no romance pós-moderno ou contemporâneo cardosiano. Se o romance mudou com o advento da pós-modernidade, é possível considerar que o narrador, enquanto elemento estruturador da narrativa, também passou por mudanças significativas. Segundo Ferrai (2011, p. 2):

A criação literária das últimas décadas nos remete a uma multiplicidade de paradigmas, dadas as grandes transformações pelas quais passaram os campos da arte em geral. Isto nos leva a pensar que a forma da narrativa hoje se encontra num grande leque de configurações.

De antemão, precisamos considerar que, para haver um narrador, é necessário observar também a construção do enredo e as ações das personagens. Em muitas obras, mesmo

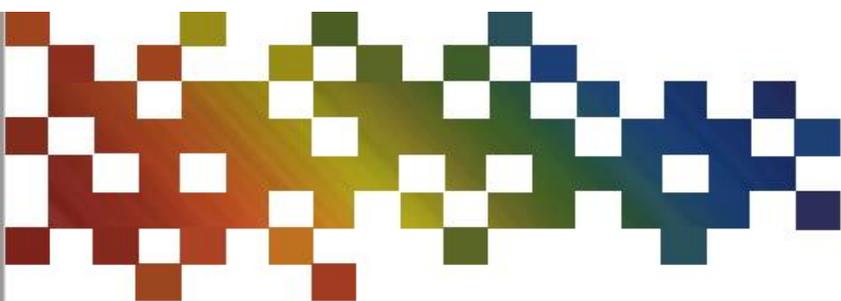
possuindo sua temporalidade na pós-modernidade, o fio condutor, o enredo ainda prevalece de modo linear. A escrita de Cardoso (1997), embora publicada na contemporaneidade, apresenta certa linearidade, quando observamos os elementos da narrativa como um todo, mas é o narrador protagonista que ganha destaque em seus romances e esses são seres fluidos e diaspóricos, pondo em cheque a retidão estrutural da diegese. Conforme afirma Mesquita (2006, p. 17), “Tais alterações caracterizam a narrativa contemporânea, moderna, a narrativa do século XX, que se opõe à do século XIX em função dessa subversão da forma, bem como de outros procedimentos [...]”. Para o autor (2006, p. 38-39), “O narrador pode se “identificar”, dar-se um nome, constituir-se o protagonista do seu enredo.”

O elemento narrador é destaque no romance cardosiano, pois além de se fundir com o personagem principal, o protagonista, assume várias vozes, que representam seu povo, sua cultura, seus costumes, bem como os fatos e as vivências da metrópole.

Crônica de Uma Travessia, por seus traços considerados autobiográficos, elenca na ficção peculiaridades que se fundem com a vivência do autor no seu contexto diaspórico. Como outros narradores de Cardoso, o narrador do romance supracitado usa a primeira pessoa, conta suas experiências, estabelece com o leitor um pacto de leitura – uma autobiografia romanesca ou uma pseudoautobiografia.

É a partir do recordar dos fatos, através da memória no contexto do exílio, que o autor começa revivendo os momentos iniciais da vida itinerante, participando como espectador e sujeito, fato esse que compõe a diáspora, característica do povo maubere. No romance, essa configuração em primeira pessoa é destaque em passagens como quando o narrador se refere a histórias bíblicas, informando que elas “passaram a enfeitar o enredo das minhas redações, assustando o professor catequista e primário, o qual fazia recomendações ao meu pai, até que este me encomendou um curso avulso de catequese e uma rápida e compulsiva primeira comunhão.” (CARDOSO, 1997, p. 11). E acrescenta a respeito de seu pai:

Foi chamado para fazer o curso de Enfermagem na altura em que deflagrou a Segunda Guerra Mundial; quando os Japoneses entraram em Timor, já andava a municar os comandos australianos que moveram uma intensa e



desmesurada defesa contra os Nipônicos. Finda a Guerra, ficou com cicatrizes que ostentava como uma medalha, e que com algum pudor disfarçava; muitas histórias para contar, nomes de combatentes australianos que ajudou e que, antes da sua morte, me ofereceu com a indicação de reivindicar alguma retribuição em meu favor. (CARDOSO, 1997, p. 11)

Além da configuração do ato de narrar em primeira pessoa, destacamos a marca da presença religiosa cristã na obra. Diferentemente dos processos colonizadores ocorridos em outros espaços, mas não em todos eles, as estratégias de conquistas religiosas envolveram nativos como catequistas. Com a tomada do país pela Indonésia, a língua e literatura portuguesas foram proibidas, o que fez com que os nativos a tomassem como língua resistência. Outro aspecto pertinente que vai além dos muros de investigação meramente estrutural é o fato de os timorenses socializarem com o *Outro*, no período compreendido da Segunda Guerra e após ele. Sobre essa relação com outras nações, portuguesas, durante o período de colonização; japoneses, no período de Guerra e também com indonésios no período da invasão indonésia. Posteriormente, adotaram a língua Portuguesa e reivindicaram sua condição de membros da Comunidade de Países de língua Portuguesa. As relações entre os sujeitos podem ser explicadas se considerarmos as mudanças históricas ocorridas no país maubere, como atesta Landowski (2002, p. 4):

Mas tudo indica que este Outro que pressupõe a auto identificação do Si está hoje, socialmente falando, mudando de estatuto. Outrora ainda distante, ele se instala atualmente entre nós. Não basta mais entender ou mistificar a cultura – o exotismo – do outro, imaginado à distância sob os traços do “estrangeiro”; agora é preciso viver, na imediatidade do cotidiano, a coexistência com os modos de vida vindos de outros lugares, e cada vez mais heteróclitos.

O narrador contemporâneo de *Crônica de uma Travessia* (1997) é um ser que resulta desse lugar intersticial, forjado entre Timor Loraosa'e o *Outro*. Identifica, portanto, o autor diaspórico, Luís Cardoso em seus trânsitos e errâncias. Esse modo de ficcionlaizar fronteiro foi definido por alguns como pensamento fronteiro (Walter Mignolo) e, por outros, como

rizoma cultural (Edouard Glissant). Walter discute que “[o] conceito de diáspora [...] oferece uma crítica dos discursos de origens fixas enquanto leva em conta diversas formas de mobilidade pós-/transnacional” (WALTER, 2009, 34).

Esses fatos nos permitem demarcar circunstâncias que remetem à relação com o Outro em vários contextos. No romance cardosiano, o destaque é o pós-colonial e suas relações com a formação identitária do menino-narrador, durante a Segunda Guerra e o pós-guerra. Dalcastagnè (2012, p. 77) considera, dessa forma, que “o narrador e também o leitor da literatura contemporânea não são sujeitos comprometidos apenas com a matéria narrada”, mas também com as relações estabelecidas com o extra-narrativo, como no caso em que o narrador afirma que o fato de Timor ter sido requisitado tanto por japoneses como por aliados norte americanos foi favorável a Portugal e à Austrália: “Feito o balanço, mais de cinquenta mil timorenses sucumbiram, garantindo a Portugal, até hoje, a continuidade da sua trágica aventura e aos Australianos a soberania de sua Majestade, a Rainha da Inglaterra (CARDOSO, 1997, p. 16). O narrador cardosiano não se configura apenas em primeira pessoa, ele também estabelece relações sociais e culturais dentro da matéria narrada.

Segundo Dalcastagnè (2012, p. 77), o romance e o narrador apresentam circunstâncias coincidentes, sendo suas relações reforçadas pelos diálogos e monólogos estabelecidos ao longo do texto. São, por assim dizer, “diálogos com o gênero, a etnia, a classe social a que pertence o escritor – ou aquela de que se faz parte o narrador e seus protagonistas -, com o próprio campo literário instrumento de inserção no tempo circundante.

Outro aspecto importante na narrativa de Cardoso tanto no modo de narrar quanto da narrativa em seu contexto geral é a divergência linguística que marca o ideal de identidade da nação, dada pelo misto de línguas que aparece em vários contextos, normalmente mencionadas pelo narrador. Pereira (2006) considera o fenômeno como “[...] ensejo das línguas étnicas, pela inserção da influência da língua inglesa, da *bahasa* da indonésia e do latim”. No romance, encontramos termos das línguas nativas no interior do texto em Português com as respectivas traduções em notas de rodapé, casos de *palapa* (casas feitas de

folhas de palmeira), *korem- meta* (festa do desluto, um mês após a morte da pessoa chorada), *tékraiks* – meninos de rua e *matan-doc* (olho distante ou visionário).

Retomando os rastros históricos resignificados pela memória do narrador exilado,, durante o período da Segunda Guerra, percebemos que o Japão deixou suas marcas de diversas formas, no campo da ofensiva política, como na cultural maubere. Sobre esse momento, a obra traz um destaque em:

Depois, quando ouvia a minha mãe cantalorar as monocórdicas e melancólicas canções que aprendera com os soldados do Império do Sol Nascente na altura em que se encontrava refém dos Japoneses na aldeia de Ulfu, também ele cantava outras em língua inglesa e era como se a guerra tivesse continuado em minha casa e perdurado em nossas cabeças. (CARDOSO, 1997, p. 16).

Essas fronteiras político-culturais demarcam identificações dos sujeitos. Além disso, se por um lado a mãe relembra as marcas de memória cultural dentro do universo do oriente; por outro lado, o pai se imagina de modo referencial nos acontecimentos do ocidente.

Dentro dessa ótica, Pereira afirma que:

O narrador transmite-nos a sensação de que conhece a maneira como a história será interpretada pelo imaginário ocidental. Ou, por outro lado, talvez sua visão esteja impregnada por esse imaginário – já que ele é também um misto dessa identidade -, que imprime o tom e a intensidade da ironia com que essa história pode ser interpretada. (PEREIRA, 2006, p. 8).

Assim, ao retratar a travessia de volta, o narrador descreve as situações vivenciadas, fazendo com que o leitor se identifique com a narrativa por meio de associações culturais, objetos locais e personalidades históricas. Portanto, a ótica do narrador nesse romance se assume em político-ideológica e afetiva, demarcando um modo de narrar e estruturar a obra tomado por um ponto de vista múltiplo, que reúne o “eu que narra” e “eu da personagem principal”. É através desses eus que o leitor conhece todos os fatos que, a rigor, são filtrados pelo fio da memória do narrador-protagonista-autor, quer dizer: “Trata-se de um ator que acumula o papel de sujeito da enunciação e de sujeito do enunciado” (D’ONÓFRIO, 2007, p.

53).

Do mesmo modo que os narradores de outros romances cardosinos, o narrador de *Crónica De Uma Travessia* aposta na continuidade do enredo, mas essa aposta é traída pela descontinuidade da história narrada (a diáspora e as travessias), rompendo com o esquema linear de construção romanesca, e, talvez, representando o fosso cultural existente nas nações pós-coloniais. Dessa forma, Luís Cardoso constitui variadas temáticas através dos recursos de memória e identidade. Essas histórias representam a resistência do país, buscada nas narrativas de simplórias ações dos personagens e grandiosos feitos de seu povo, colocando em perspectiva as ações de colonizadores e colonizados, por meio das determinações e resiliências quotidianas que vão sendo apresentadas ao leitor no mesmo tempo em que se deixa escrito na obra que sustenta este texto.

REFERÊNCIAS

BRAH, Avtar. **Cartografías de la diáspora: identidades em cuestión**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2011.

BARBOSA, Damares. **Roteiro da Literatura de Timor-Leste em Língua Portuguesa**. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literaturas Comparadas de Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo (2013).

CARDOSO, Luís. **Crónica de uma travessia. A época do Ai-Dik-Funam**. Lisboa: Publicações. Dom Quixote, 1997.

Cardoso, Luís (2002) «Cáspita» In: **Vésperas de Natal - Contos**, Lisboa: Publicações D. Quixote.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Forma e sentido do texto literário**. São Paulo: Ática, 2007.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. O narrador e suas circunstâncias. Editora Horizonte, Rio de Janeiro, 2012.

FERRARI, Sandra A. F. L. Estrutura narrativa na pós-modernidade. In: Congresso Internacional da ABRALIC, 2001, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2011.

GUNN, Geoffrey C. **Timor Loro Sae: 500 Anos**. Macau: Livros Oriente, 1999.

HALL, Stuart. Pensando a Diáspora (Reflexões Sobre a Terra no Exterior). *In: Da Diáspora: identidades e Mediações culturais*. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende . Belo Horizonte : Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Trad. De Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2008.

LE GOFF, Jacques. Memória. *In: _____ História e Memória*. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003, p. 419-476.

LANDOSKI, Eric. **Presença do outro: ensaios de sociosemiótica**. São Paulo, Perspectiva: 2002.

MATA, Inocência. **O pós-colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa**. Disponível em: bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/mata.rtf. Acesso em: set. 2016.

MOUTINHO, Isabel. **Despontar do romance em Timor**. *In: http://tlstudies. Org/pdf/202011/chp_11*. Pdf. Acessado em fevereiro de 2012.

MESQUITA, Samira Nahid de. **O Enredo**. São Paulo: Ática, 2006.

PEREIRA, Claudiany. **Luís Cardoso e a vivência da diáspora: nota sobre a literatura de Timor Leste**, PUCRS/ Uruguaiana, v 8, n. 12, 2006. ROY, A. **War Talk**. Boston: South End, 2003.

TOMAIM, Cássio Santos dos. **O documentário e sua intencionalidade histórica**. Disponível em: DOC On-Line: Revista Digital de Cinema Documentário, n 15, Campinas, 2013.

WALTER, Roland Gerhard Mike. **Afro-América: Diálogos Literários na Diáspora Negra das Américas**. Recife: Bagaço, 2009.